

## O Uso de Estratégias Autoprejudiciais à Aprendizagem entre Estudantes de Licenciatura

Carolina Marques de Lima (IC)

### Resumo

O presente estudo tem como finalidade identificar as estratégias autoprejudiciais mais utilizadas entre estudantes de licenciatura e examinar sua utilização por sexo, idade, turno, bem como em relação ao desempenho percebido. Participaram desta pesquisa 103 alunos de 14 cursos de licenciatura de uma universidade do interior de São Paulo. Os participantes eram de ambos os sexos, com idade entre 18 a 56 anos.

*Palavras Chave:* Formação de Professores, Comportamentos Autoprejudiciais, Autorregulação da Aprendizagem.

### Introdução

O termo *self-handcapping* apareceu pela primeira vez na literatura em 1978. Os comportamentos autoprejudiciais geralmente são utilizados frente a uma situação em que o bom desempenho pareça inalcançável, de modo que o possível fracasso aparente não ser decorrente de características pessoais (Mette, 1971; Ganda, 2011).

Tendo em vista a escassez da literatura nacional referente ao tema, bem como a importância de se conhecer melhor essa variável entre estudantes de licenciatura, os objetivos do trabalho buscam a caracterização das estratégias autoprejudiciais, a identificação das mais utilizadas e a exploração das relações entre o relato de uso das estratégias a autopercepção de desempenho acadêmico, o turno do curso, o sexo e a idade do estudante.

### Resultados e Discussão

Para a coleta de dados, o instrumento utilizado foi uma escala do tipo Likert composta por 19 questões com 4 alternativas de respostas. Após 15 dias da aplicação houve sua reaplicação a fim de verificar sua confiabilidade. Os dados revelaram, em linhas gerais, que o relato de utilização das estratégias autoprejudiciais pelos estudantes universitários foi baixo. As estratégias relatadas como sendo as mais utilizadas pelos estudantes foram: falta de investimento de tempo para a realização de um trabalho importante, postergação para a realização de algumas tarefas importantes até o limite do prazo e o estudar apenas nas vésperas da prova. As estratégias menos citadas foram: ler revistas de entretenimento durante as aulas, conversar com colegas durante a explicação, participar de várias festas mesmo frente à entrega de um trabalho importante. Não houve diferenças significativas no uso das estratégias autoprejudiciais em relação aos diferentes grupos etários, ao sexo, aos turnos, bem como no que concerne ao desempenho percebido. Porém, observou-se que

estudantes mais novos, do sexo feminino e do período integral tendem a relatar maior uso dessas estratégias do que os de mais idade, do sexo masculino e do noturno. Como, em geral, alunos do período noturno precisam conciliar estudo e trabalho, é possível que tenham pouco tempo vago para a procrastinação, ao contrário dos alunos do período integral. Do mesmo modo, aventa-se que estudantes mais novos acabem recorrendo mais às estratégias autoprejudiciais do que os mais velhos, provavelmente devido à cobrança da universidade, à imaturidade e à falta de experiência. O reteste revelou que o instrumento tem boa estabilidade temporal.

### Conclusões

Por fim, conclui-se que os estudantes de licenciatura dessa universidade em questão não utilizam muito de estratégias autoprejudiciais como desculpa frente ao fracasso ou como meio de proteção de sua autoestima. Esse dado é positivo, sobretudo quando se leva em conta que são estudantes que aspiram ser professores. Entretanto, há que se orientar esforços para a redução das estratégias autoprejudiciais mais relatadas pelos estudantes.

### Agradecimentos

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Evely Boruchovitch por sua confiança, incentivo e orientação no decorrer de todo o processo de elaboração deste trabalho.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Cristina Boulhoça Suehiro por sua ajuda em minha formação científica e na tabulação dos dados coletados.

Ao CNPq pelo apoio e financiamento do projeto.

<sup>1</sup> GANDA, Danielle R. *Atribuições de causalidade e estratégias autoprejudiciais de alunos de curso de formação de professores*. UNICAMP, Faculdade de Educação, Campinas, 2011.

<sup>2</sup> LEONDARI A. e GONIDA E. *Predicting academic self-handicapping in different age groups: The role of personal achievement goals and social goals*. British Journal of Educational Psychology (2007), 77, 595–611.

<sup>3</sup> COSTA, Marta. *Procrastinação, autorregulação e gênero*. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, 2007.